

O pensamento de Ailton Krenak: voz intelectual indígena no Brasil

Randra Kevelyn Barbosa Barros¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO)

Resumo

O Brasil contemporâneo tornou-se cenário da irrupção de diferentes vozes, que há séculos reivindicam ser ouvidas. Ailton Krenak é um nome que se destaca nesse contexto em virtude de sua produção estar se tornando visível no âmbito nacional. Adotando o nome do povo Krenak em sua assinatura, o autor tece críticas à violência colonial que constituiu e edifica o país; à concepção ocidental de humanidade; e à busca incessante pelo desenvolvimento. Diante da relevância dessas ideias, pretende-se discutir temas que emergem da obra do intelectual, a saber: encontros culturais; memórias de existência; política do envolvimento. Busca-se traçar uma leitura crítica dessa produção. Além de contemplar textos de Krenak, o artigo dialoga com Ana Kiffer (2020) para refletir sobre os diferentes atores sociais que ecoam suas vozes no país; Edward Said (2005), com a reflexão acerca do papel ativista do intelectual; Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), para abordar o pensamento de esquecimento que estrutura a sociedade hegemônica. Dessa forma, o estudo contribui para expandir as investigações sobre o pensamento de Ailton Krenak no Brasil, tendo em vista a importância desse autor para causar fissuras no discurso colonial e, a partir desses gestos, fazer emergir narrativas plurais.

Palavras-chave

Ailton Krenak. Produção intelectual. Pensamento indígena.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PPGLCC), pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), com financiamento CNPq. Mestra em Estudo de Linguagens (PPGEL), pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Narrativas plurais no Brasil contemporâneo

Quando Ailton Krenak, em 1987, discursou na Assembleia Nacional Constituinte para defender a inclusão dos direitos indígenas na Carta Magna, a liderança estava evocando ali uma ideia de construção de Brasil. Nesse projeto, não caberia continuar pensando a nação dentro de um discurso homogêneo e uniformizador, que apaga a diferença e almeja seguir o padrão branco colonizador. Seria preciso construir uma imagem de si que reconhecesse e valorizasse os Brasis, os quais emergem das perspectivas dos povos originários e negros. O genocídio e a escravização eram episódios de nossa história que não poderiam ser apagados e esses traumas começariam a ser curados a partir dos direitos assegurados na Constituição Cidadã.

Página | 215

Foi um momento importante para mostrar à sociedade nacional que os primeiros habitantes do país não tinham sido completamente exterminados, estavam vivos e almejavam uma nação porvir que garantisse a cidadania desses sujeitos:

Fui defender a emenda popular, pois não se defendia o artigo 231² da Constituição porque ele afirma que o Brasil precisa parar de matar índio e assegurar os direitos para os índios restantes. Isso tudo foi uma ruptura com o que havia acontecido no passado. Mudança que o Estado não conseguiu assimilar até hoje, pois o Estado ainda tem cacoetes (KRENAK, 2015, p. 206).

Como explica Krenak (2015), houve uma mobilização para que o documento fosse um marco histórico, tanto por buscar impedir a continuidade do genocídio indígena quanto por reconhecer o direito originário à terra para essas populações. Ainda não observamos a efetividade dessa lei de maneira expressiva, pois as comunidades continuam sofrendo com o descaso do governo e de uma parcela significativa da sociedade brasileira que ignora essas existências.

Cabe lembrar que há atitudes autônomas desses sujeitos para realizar o ativismo político. Ana Kiffer (2020), em suas reflexões sobre o cenário contemporâneo do país, destaca a insurgência de corpos excluídos pelo poder dominante. A estudiosa constata que há um “desejo de extermínio que se recoloca como pauta central no Brasil de hoje” (KIFFER, 2020, p. 5) e afeta não apenas gente, mas também a fauna e a flora.

² Artigo que compõe o capítulo VIII, “Dos índios”, na Constituição Federal de 1988. O artigo 231 afirma: “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (BRASIL, 2016, p. 133).

Esse desejo tem se ampliado, o que demanda das vozes oprimidas um esforço imaginativo de resistência.

A autora observa que os gestos dos corpos silenciados para irromper suas vozes têm acontecido no campo intelectual, tensionando perspectivas e produzindo conhecimento sobre si, pois nota-se “a tomada de voz de uma nova geração de pensadoras mulheres e negras, também a antropologia revista por indígenas de diferentes etnias” (KIFFER, 2020, p. 17). Além disso, o movimento ocorre sob o viés artístico, quando pensamos em “novas dicções político-poéticas” (KIFFER, 2020, p. 17), tecidas por meio da oralidade em diferentes espaços (ruas, periferias, entre outros), para além de uma restrição ao trabalho com a escrita.

Por meio da imaginação política, os sujeitos buscam por em prática o que não foi executado pela Constituição Federal. Trata-se de criar e pensar em um lugar de existência para esses grupos em um Brasil cada vez mais violento, que nega direitos e alimenta o desejo de extermínio. Precisamos estar atentos a essas narrativas plurais que emergem em nosso país e mostram, causando tensões em espaços dominantes, que “recompor a história, as histórias, dos povos arrancados de suas histórias, assim como recompor nossa ‘ausência’ de memória impõe sabermos que nunca estaremos sobre o mesmo calendário, nem sobre a mesma linearidade exaustiva da linguagem ocidental” (KIFFER, 2020, p. 29). Repensar a temporalidade é fundamental nesse processo de construir uma imagem do Brasil semelhante à história e cultura do país, inventando um projeto próprio e afastando-se de uma perspectiva colonial.

Embora desde a década de 1980 Ailton Krenak já atuasse no movimento indígena em prol dos direitos dos povos e assim nos mostrasse a pluralidade cultural, linguística e cosmológica existente no país, a visibilidade desta liderança tem sido conquistada recentemente pela atividade de escritor. Suas palestras e entrevistas compiladas no formato de livros estão adquirindo ampla circulação, o que representa uma maior possibilidade de diálogo do pensamento ameríndio com a sociedade nacional. Cabe lembrar que o seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*³ (KRENAK, 2019) se tornou um dos mais vendidos no país desde quando foi lançado.

Por que o pensamento desse intelectual se destaca hoje? Qual a urgência de ouvirmos essa voz? Discutir as reflexões levantadas por Krenak ajuda-nos a compreender

³ O livro lançado na Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP) pela Companhia das Letras, em 2019, tornou-se a terceira obra mais vendida no evento. Cabe lembrar que, na lista dos cinco livros mais vendidos, quatro obras foram produzidas por autores negros estrangeiros e uma foi escrita pelo indígena brasileiro Ailton Krenak (O GLOBO, 2019).

a sociedade em crise em que vivemos e possíveis caminhos para evitarmos a extinção da vida humana na terra.

Ailton Krenak: pensamento indígena “para adiar o fim do mundo”

Ailton Alves Lacerda Krenak nasceu em 1953, na região do vale do Rio Doce (Minas Gerais). Filho da comunidade krenak, atuou como liderança no movimento político dos povos originários, dialogando com possíveis aliados também fora de seu território. Desenvolveu projetos culturais e ambientais⁴ ao longo de sua trajetória. Recebeu o título de Doutor *Honoris Causa*, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (Minas Gerais), em 2016.

As reflexões de Krenak estão intrinsecamente ligadas à sua perspectiva como integrante de um povo indígena. Até mesmo pela assinatura do autor, notamos que o seu pensamento é construído a partir da experiência de ser um Krenak. Por isso, acredita que um intelectual oriundo da cultura indígena possui responsabilidades diferentes de um intelectual da sociedade hegemônica:

Os intelectuais da cultura ocidental escrevem livros, fazem filmes, dão conferências, dão aulas nas universidades. Um intelectual, na tradição indígena, não tem tantas responsabilidades institucionais, assim tão diversas, mas ele tem uma responsabilidade permanente que é estar no meio do seu povo, narrando a sua história, com seu grupo, suas famílias, os clãs, o sentido permanente dessa herança cultural (KRENAK, 1994, p. 201).

A necessidade de compartilhar esses saberes com os não indígenas fez com que Ailton Krenak se tornasse um intelectual que não vive apenas na comunidade, mas circula também por outros espaços legitimados na sociedade brasileira. Nesse sentido, o pensador transita entre a aldeia, escutando a ancestralidade de seu povo; e ambientes urbanos, concedendo entrevistas, palestras e mostrando o seu rosto publicamente à sociedade nacional.

O deslocamento do autor é fundamental para lutar por direitos. Com isso, o ativismo político se faz presente em sua prática intelectual, lembrando aos não indígenas que o genocídio persiste e os crimes ambientais estão cada vez mais frequentes. É possível

⁴ Os projetos de Krenak são desenvolvidos desde a década de 1980. Podemos citar algumas de suas ações: apresentar o Programa de Índio (1985-1990), na Rádio USP FM, em São Paulo; criar o Festival de Danças e Cultura Indígena (1998-2003), na Serra do Cipó, em Minas Gerais; ser coautor da proposta da Unesco para construir a Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço (2005); entre outros.

estabelecer um diálogo entre esta perspectiva e a concepção de Edward Said (2005) sobre o papel do intelectual.

Para Said (2005), crítico palestino que busca desconstruir imagens estereotipadas sobre o Oriente, o intelectual desempenha um importante papel na sociedade. Isso porque deve questionar os privilégios raciais, falar a verdade ao poder, levantar problemas sociais que são esquecidos e omitidos pelo poder hegemônico, denunciar e combater a violação de direitos de qualquer ser humano e contestar as narrativas oficiais. Essas atribuições são realizadas por Krenak com uma ampliação da ideia de humano para englobar vários seres que também estão tendo seus direitos à vida desrespeitados.

A construção do pensamento de Krenak apresenta especificidades, pois o autor não projeta o ato de escrever seus livros, o que seria comum entre intelectuais tradicionais. É a partir da potência de sua própria voz que a liderança tece reflexões, de maneira falada, em entrevistas e palestras. As intervenções orais mostram a influência da sabedoria ancestral indígena, a qual também se transmite com a indispensável presença do corpo de quem emite os enunciados. Quando transcritas para livros, essas produções inegavelmente ampliam a possibilidade de circulação ao mesmo tempo em que perdem algumas marcas do corpo do orador (rosto, expressões faciais, movimento das mãos, entre outros). No entanto, o texto escrito ainda possui traços da linguagem oral, com sinais da coloquialidade. Portanto, há um aspecto fundamental na elaboração do pensamento deste intelectual: a oralidade é a linguagem pela qual o autor expressa suas ideias; e o texto escrito possui marcas dessa voz.

Cabe lembrar também que nesta produção há dois movimentos recorrentes. O escritor faz críticas negativas à estrutura do pensamento ocidental, que se consolida a partir da imposição de uma monocultura de ideias (KRENAK, 2017). Essa concepção é pautada em uma narrativa única que se quer universal e busca eliminar todas as outras. Ao mesmo tempo em que notamos o autor apresentar perspectivas alternativas. A crítica propositiva se constrói a partir da experiência das cosmologias ameríndias, que valoriza tanto as diferentes formas de vida quanto o corpo da Mãe Terra.

Em “O eterno retorno do encontro”, Ailton Krenak (1999) analisa que a chegada dos europeus nos territórios indígenas já era prevista por esses sujeitos em narrativas antigas:

Em cada uma dessas narrativas antigas já havia profecias sobre a vinda, a chegada dos brancos. Assim, algumas dessas narrativas, que datam de 2, 3, 4

mil anos atrás, já falavam da vinda desse outro irmão, sempre identificando ele como alguém que saiu do nosso convívio e nós não sabíamos mais onde estava. Ele foi para muito longe e ficou vivendo por muitas e muitas gerações longe da gente. Ele aprendeu outras tecnologias, desenvolveu outras linguagens e aprendeu a se organizar de maneira diferente de nós. E nas narrativas antigas ele aparecia de novo como um sujeito que estava voltando para casa, mas não se sabia mais o que ele pensava, nem o que ele estava buscando. [...]. E isso ficou presente em todas essas narrativas, sempre nos lembrando a profecia ou a ameaça da vinda dos brancos (KRENAK, 1999, p. 24).

As histórias antigas explicam a diferença entre a concepção de mundo dos povos originários e o pensamento dos brancos, visto que estes se afastaram das comunidades indígenas para buscar outras tecnologias, linguagens e formas de pensar o universo. O retorno se mostra depois como uma ameaça, a necessidade de explorar os territórios e assassinar os antigos irmãos. Até porque, quando este sujeito saiu da comunidade, “se retirou também no sentido de humanidade, que nós estávamos construindo” (KRENAK, 1999, p. 27). Distante de casa, elaborou um projeto de humanidade uniforme e homogêneo que se diferenciava da concepção das culturas indígenas; e buscou disseminá-lo por todo o planeta. Essa difusão ocorreu por meio da dominação de territórios, práticas de genocídio e o uso constante de uma violência colonial.

Para Krenak (1999), o contato previsto pelos indígenas não ficou paralisado no passado, pois frequentemente acontece do mesmo modo que foi instaurado pela colonização: violento (em uma perspectiva física e simbólica) e genocida (matando não apenas corpos individuais, mas também a própria cultura de várias etnias). Há uma constante atualização desses encontros todos os dias e oferecem a possibilidade de reconhecer o outro. O autor afirma: “nosso encontro – ele pode começar agora, pode começar daqui a um ano, daqui a dez anos, e ele ocorre todo o tempo” (KRENAK, 1999, p. 29-30). Essa contradição deve-se ao fato de que os encontros são inevitáveis, estão em movimento; embora por vezes sejam conflituosos e busquem impor o projeto de humanidade branco aos povos originários.

A sociedade nacional ainda não estabeleceu o diálogo com as culturas e filosofias ameríndias. Por isso, o autor projeta, em 1999, o encontro para o futuro. Já é possível identificar traços desse diálogo no presente (século XXI) devido a atitude indígena de expandir a voz para além do espaço da aldeia, seja por meio de sua literatura, pensamento, práticas artísticas, entre outros; um exemplo disso é a produção intelectual do próprio Ailton Krenak. Com isso, é possível reconfigurar os encontros culturais para que sejam de partilha de saberes.

Considerar as memórias de existência de diferentes povos é outro caminho apontado por Krenak para subvertermos a ideia plasmada de humanidade estruturada pela visão ocidental e que se mostra cada vez mais frágil. Homogeneidade e coesão são algumas características da humanidade concebida pelo viés dominante, que desassocia as pessoas do organismo vivo do qual fazem parte (a Terra) (KRENAK, 2019). Com isso, é frequente o pensamento de distanciamento entre ambos, que reflete a intencionalidade de legitimar a existência de uma forma de vida, apenas a dos seres humanos, e suprimir as múltiplas possibilidades encontradas na natureza. No entanto, os povos originários possuem memórias ancestrais que mostram uma relação intrínseca desses sujeitos com outros seres que habitam a Terra.

O pensador explica que as pessoas adquiriram outras formas antes de assumirem o corpo humano:

As diferentes narrativas indígenas sobre a origem da vida e nossa transformação aqui na Terra são memórias de quando éramos, por exemplo, peixes. Porque tem gente que era peixe, tem gente que era árvore antes de se imaginar humano. Todos nós já fomos alguma outra coisa antes de sermos pessoas [...]. Os ameríndios e todos os povos que têm memória ancestral carregam lembranças de antes de serem configurados como humanos (KRENAK, 2020a, p. 29).

Lembrar desse tempo conduz os ameríndios a reverenciarem e sacralizarem diferentes seres da natureza, pois entendem que já assumiram essas formas no início da criação. As narrativas antigas contam histórias desse tempo e orientam pensamento e práticas culturais dos sujeitos. Por isso, Krenak (2020a, p. 37-38, grifo do autor) explica que “a proximidade com essas narrativas expande muito nosso sentido de ser, tira-nos o medo e também o preconceito contra os outros seres. Os outros seres *são* junto conosco, e a recriação do mundo é um evento possível o tempo inteiro”. Assim, é frequente a conexão com todas as formas de vida que habitam esta casa comum, a Terra.

Até mesmo o nome do povo, utilizado como sobrenome na assinatura do autor, faz referência a uma herança ancestral ligada ao território:

O nome *Krenak* é constituído por dois termos: um é a primeira partícula, *kre*, que significa cabeça, a outra, *nak*, significa terra. Krenak é a herança que recebemos dos nossos antepassados, das nossas memórias de origem, que nos identifica como “cabeça da terra”, como uma humanidade que não consegue se conceber sem essa conexão, sem essa profunda comunhão com a terra (KRENAK, 2019, p. 48, grifos do autor).

A partir dessa relação com o organismo vivo que permite a existência de todos os seres, os Krenak entendem o rio de uma maneira própria. O Rio Doce, em Minas

Gerais, é chamado de Watu e o tratam como um avô, sendo, portanto, considerado uma pessoa. Na visão krenak, o rio apresenta uma dimensão sagrada e integra a construção coletiva de uma sociedade, para além do olhar do poder hegemônico que o vê apenas como um recurso a ser apropriado e explorado. Não apenas o rio, mas também a montanha possui nome e características que geralmente são atribuídas apenas a seres humanos na visão ocidental:

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser” (KRENAK, 2019, p. 17-18).

Ler o humor da montanha, como se fosse expressões faciais, é uma habilidade dessa comunidade e o grupo entende que a sua existência está ligada à vida da Takukrak. Os integrantes deste povo conversam com a montanha, conseguem identificar a família que ela forma na paisagem. Por isso, proteger Watu e Takukrak é mais do que seguir a ideia de sustentabilidade propagada pelo capitalismo; trata-se de assegurar a existência de um ancestral, um familiar, indispensável para os Krenak continuarem vivos.

A sociedade dominante, por vezes, não consegue entender o vínculo dos povos indígenas com essas memórias de existência, isso porque o esquecimento é um elemento que estrutura o modo de pensar ocidental. Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015) explicam que, na perspectiva Yanomami, os brancos também tiveram ancestrais ligados às florestas e o ensinamento desses espíritos foi esquecido. Cabe lembrar que:

No começo, a terra dos antigos brancos era parecida com a nossa. Lá eram tão poucos quanto nós agora na floresta. Mas seu pensamento foi se perdendo cada vez mais numa trilha escura e emaranhada. Seus antepassados mais sábios, os que *Omama*⁵ criou e a quem deu suas palavras, morreram. Depois deles, seus filhos e netos tiveram muitos filhos. Começaram a rejeitar os dizeres de seus antigos como se fossem mentiras e foram aos poucos se esquecendo deles (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 407).

Houve um tempo em que a natureza imperava e os brancos viviam em comunhão com ela. Porém, algumas gerações começaram a negar os conhecimentos ancestrais. A memória dessa existência em que cultura e natureza eram inseparáveis foi se perdendo e os brancos, a partir de um pensamento racional e científico,

⁵ Criador do universo na cosmologia Yanomami.

desconectaram-se da Terra. Eles também “esqueceram que *Omama* os criou. Perderam as palavras de seus maiores. Esqueceram o que eram no primeiro tempo, quando eles também tinham cultura” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 251-252). *Omama* foi responsável por criar até mesmo os ancestrais dos brancos. Ter cultura significa seguir as práticas legadas pelos ancestrais que eram executadas em outro tempo.

Retornando às reflexões de Ailton Krenak, podemos questionar: se os não indígenas perderam a sua memória de conexão à natureza, de que maneira “adiar o fim do mundo” que causará a extinção das pessoas? Criando uma política do envolvimento para contornar a busca incessante e desenfreada por desenvolvimento e progresso. O autor é provocativo ao questionar:

Que desenvolvimento nós queremos? Ou nós queremos envolvimento com o lugar que nós vivemos? A gente foi colonizado pela ideia de desenvolvimento. Será que não está na hora da gente pensar em envolvimento com o mundo que nós compartilhamos? Se a gente buscar envolvimento, talvez volte a dar sentido para os povos originários, as suas formas de organização, seu jeito de pensar o bem-estar, seu jeito de pensar o que é necessário para a gente viver (KRENAK, 2017, p. 23-24).

Ao mesmo tempo em que sinaliza a filiação do desenvolvimento a um projeto colonial, o autor sugere trilharmos outro caminho no ato de envolver-se com o espaço e diferentes formas de existência. A proposta defende o bem-estar das pessoas e o equilíbrio com a natureza. E essa política já é praticada no Brasil, e em outras regiões do planeta, pelos povos originários, que em suas filosofias buscam harmonia no bem viver da comunidade e dos territórios, respeitando a vida que se manifesta em diferentes corpos.

Para reconhecermos a importância do envolvimento, “devíamos admitir a natureza como uma imensidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem” (KRENAK, 2019, p. 69). Somos parte desse organismo vivo e estamos em relação com os outros seres com os quais compartilhamos a estadia no planeta. No entanto, o processo capitalista de coisificação da natureza e a ideia de que o ser humano é superior aos outros seres nos impedem de constatar essa comunhão. Com isso, nos tornamos “a praga que veio devorar o mundo” (KRENAK, 2020a, p. 35), provocando a própria extinção.

Um exemplo de que o modelo do desenvolvimento não apenas destrói a natureza como também o ser humano é o aparecimento do novo coronavírus⁶ e a crise

⁶ “Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos [...]. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-

sanitária, também social, que a situação da pandemia causou no país e no mundo. Krenak (2020b, p. 4) ressalta que “o vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento entrou em crise”. A circunstância demonstra a fragilidade da existência humana, que – embora tenha construído múltiplas tecnologias e máquinas – não consegue impedir o avanço do vírus e precisa se recolher em isolamento para não ser atingida. Milhares de pessoas já morreram no planeta, mas diferentes formas de vida continuam existindo sem serem afetadas.

Na perspectiva do pensador, poderíamos refletir sobre a pandemia como um sinal de alerta do que o nosso des-envolvimento (ausência de envolvimento) tem causado à Terra. O autor até mesmo recorre a uma imagem para explicar o cenário vivenciado neste contexto:

O que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. “Filho, silêncio”. A Terra está falando isso para a humanidade. E ela é tão maravilhosa que não dá uma ordem. Ela simplesmente está pedindo: “Silêncio”. Esse é também o significado do recolhimento (KRENAK, 2020b, p. 6).

A Mãe Terra sugere que precisamos mudar o nosso modo de estar no planeta, repensar os impactos que causamos e a relação que cultivamos com esse organismo que permite a nossa existência. Por isso, “temos de parar de ser convencidos. Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã” (KRENAK, 2020b, p. 8). Contra a ideia de que a atividade econômica é mais importante do que a vida, contra a política de morte que tem atingido vários grupos em nosso país, poderíamos valorizar a vida da maneira que Ailton Krenak nos convoca a fazer.

O autor enuncia que *A vida não é útil* (KRENAK, 2020a), causando, de certa forma, tensão no discurso de que a vida precisa atender a um fim utilitarista e que ela seria atributo exclusivo dos humanos. Para Krenak (2020a, p. 59), “a vida é fruição, é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária”. Seguir o movimento de uma dança cósmica demanda nos envolvermos com todas as formas de vida que existem no planeta a partir do nosso próprio corpo:

De repente, vai ficar claro que precisamos trocar de equipamentos. E – surpresa! – o equipamento que precisamos para estar na biosfera é exatamente o nosso corpo. Alguns povos têm um entendimento de que nossos corpos estão

19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Para evitar o contágio, as pessoas precisam ficar em quarentena e evitar aglomeração.

relacionados com tudo o que é vida, que os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos. Observamos a Terra, o céu e sentimos que não estamos dissociados de outros seres (KRENAK, 2020a, p. 24).

A associação dos nossos corpos com outros seres é fundamental para construirmos relações harmônicas com a natureza. Até porque, “ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta junto com você, ou faz guerra contra a vida na Terra” (KRENAK, 2020a, p. 39). Por isso, torna-se cada vez mais urgente construirmos políticas do envolvimento, que possam ser praticadas cotidianamente na nossa forma de se relacionar com o planeta.

Urgência do diálogo com o pensamento krenakiano

O pensamento de Ailton Krenak tem adquirido notoriedade no momento em que observamos a vulnerabilidade dos nossos modelos sociais, políticos, econômicos e culturais, pois esse cenário tornou-se mais evidente com a pandemia e o recolhimento das pessoas. Nessa circunstância, os convites para Krenak falar em diversos espaços virtuais se ampliam consideravelmente, produzindo mais reflexões que são compiladas em livros. Embora o autor tenha uma trajetória antiga como liderança indígena, as suas reflexões começam a ser escutadas recentemente.

O sucesso de *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) mostra a urgência de estabelecermos diálogos com o pensamento ameríndio. Isso porque a sociedade não indígena está em colapso e precisa renovar os referenciais epistemológicos em uma tentativa desesperada de sobrevivência. O autor é provocativo e insiste que adiar o fim do mundo requer a compreensão de que “a vida não é útil” e “o amanhã não está à venda”. Com essas ideias, convida-nos a refletir sobre o fracasso da concepção de progresso projetada na visão do sistema capitalista. Ao mesmo tempo, o intelectual aguça a nossa percepção para compreendermos imaginários que podem ser novos para a sociedade nacional, mas extremamente antigos nessas tradições milenares.

A produção do intelectual sugere uma nova dimensão para os encontros culturais. Estes já foram praticados de forma violenta, como imposição da cultura ocidental, tanto no período colonial quanto contemporaneamente com o desrespeito ao modo de vida de diversos povos originários. No entanto, a obra de Krenak projeta um outro tipo de encontro, aquele conduzido pelos indígenas que almejam reivindicar direitos

e garantir a proteção das florestas para a sobrevivência de todos os habitantes da terra, inclusive para aqueles que não integram suas culturas.

O desejo de salvaguardar a vida na terra é oriundo de memórias de existência que expressam a conexão entre todos os seres. Os rios e as montanhas podem ser considerados familiares, como o faz o povo Krenak pensando em Watu e Takukrak, respectivamente. Entender que, antes de serem humanos, já assumiram outros corpos é um fundamento ancestral de muitos povos que não podem viver sem estar em relação com a Terra. E essa política do envolvimento é importante para nós, não indígenas, revermos nosso comportamento com o objetivo de não causarmos nossa própria extinção.

Dessa forma, as ideias de Ailton Krenak mostram a urgência de as vozes intelectuais indígenas serem escutadas e adquirirem um amplo espaço de circulação. No Brasil, já há um sinal de esse movimento estar acontecendo, visto que o autor foi premiado com o Troféu Juca Pato 2020, na posição de “Intelectual do Ano”, concedido pela União Brasileira de Escritores⁷. Esse prêmio é de extrema relevância para um integrante dos povos originários que, em suas publicações, valoriza a linguagem oral – inclusive quando faz referência às narrativas antigas – e mostra a resistência das sabedorias ancestrais ameríndias. Portanto, escutar, ler e dialogar com as reflexões de Ailton Krenak são gestos que contribuem para adiarmos o fim do mundo.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. Brasília: Senado Federal, eCoordenação de Edições Técnicas, 2016.

KIFFER, Ana. **Relação e ódio**: Glissant no Brasil de hoje. E-book. São Paulo: n-1 edições, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

⁷ “Após votação realizada entre os sócios da UBE, Ailton Krenak foi escolhido para receber o Troféu Juca Pato, homenagem ao ‘Intelectual do Ano’, uma láurea conferida à personalidade que, havendo publicado livro de repercussão nacional no ano anterior, tenha se destacado em qualquer área do conhecimento e contribuído para o desenvolvimento e prestígio do País, na defesa dos valores democráticos e republicanos. Em 2019, Krenak publicou o livro ‘Ideias para adiar o fim do mundo’, pela editora Companhia das Letras. A entrega do Troféu Juca Pato será realizada no mês de dezembro, em local ainda a ser definido” (UBE/UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES, 2020).

KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. In:_. NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. O eterno retorno do encontro. In:_. NOVAES, Adauto. **A outra margem do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Página | 226

_____. Genocídio e resgate dos “botocudos”. Entrevista concedida a Marcos Coelho. In:_. COHEN, Sérgio (Org.). **Ailton Krenak**. 1 ed. Rio de Janeiro: Azougue, 2015, p. 198-215.

_____. Entrevistas e palestras. In:_. WERÁ, Kaká (Org.). **Ailton Krenak**. Rio de Janeiro, Beco do Azougue editorial. Coleção Tembetá, 2017.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **A vida não é útil**. Pesquisa e organização: Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

_____. **O amanhã não está à venda**. E-book. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Sobre a doença. O que é COVID-19. **Ministério da Saúde**. Disponível em: < <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> >. Acesso em: 24 set. 2020.

O GLOBO. Quem são eles e por que isso é tão revolucionário. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/dos-5-autores-mais-vendidos-da-flip-4-sao-negros-1-indigena-quem-sao-eles-por-que-isso-foi-revolucionario-23809609>>. Reportagem de julho de 2019. Acesso em: 20 set. 2020.

SAID, Edward. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

UBE – UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES. Ailton Krenak é o JUCA PATO 2020. **União Brasileira de Escritores**. Disponível em: < https://www.ube.org.br/materias.php?cd_secao=58&codant=&furiurl=-Vencedor-JUCA-PATO-2020-&fbclid=IwAR2WqyUJRsBwAQ1TB9Znq_EldWEn3V64CzQ2UJ39VBQHkEjpEvUDnNWq-Qw >. Acesso em: 26 set. 2020.

THE THINKING OF AILTON KRENAK: INTELLECTUAL INDIGENOUS VOICE IN BRAZIL

Abstract

Contemporaneous Brazil has become the setting for the irruption of different voices that have been requesting to be heard for centuries. Ailton Krenak is a name on the spotlight in this context, due to the visibility growth of his work in the national scope. By adopting the name of the Krenak people in his signature, the author dishes critics to the colonial violence that constitute and edifies the country; to the West conception of humanity; and to the relentless chase for development. Given the relevance of such ideas, this text aims to discuss emerging topics from the work of the intellectual, namely: cultural encounters; existence memories; involvement policies. There is an effort to trace a critical reading of this production. Besides contemplating Krenak's texts, this article maintains a dialogue with Ana Kiffer (2020), to reflect about the different social actors that echo their voices in the country; Edward Said (2005), about the Krenak's role as an activist; Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), to have an approach on the idea of forgetfulness the structuralize the hegemonic society. Eventually, the article contributes to expanding national investigations on Ailton Krenak's ideas, reminding the importance of this author to cause fractures in colonial speech and ensure the plurality of narratives.

Keywords

Ailton Krenak. Intellectual production. Indigenous Thinking.

Recebido em: 29/09/2020

Aprovado em: 24/11/2020